

5. Conclusão

Desde o princípio, mesmo quando tudo parecia nebuloso, indefinível, mesmo quando alguns dentro da própria academia – e entendo que, até por ignorância – olhavam-me com certo estranhamento ao me ouvir falar sobre o tema da minha dissertação, nunca pensei que seria em vão. Até porque, na pior das hipóteses, eu estaria trabalhando num projeto que me estaria sendo prazeroso, como o foi. E se aos olhos críticos de quem quer que fosse, ainda que diretamente ninguém tenha se manifestado de forma tão acintosa, julgando-a uma pesquisa vaga e sem relevância no meio literário, estive convencido o tempo todo do seu valor, sobretudo pelo subsídio credibilizante do meu orientador.

Escrever sobre uma pedra pode parecer algo, no mínimo frio, afinal, o que se teria de vida para dela extrair. Mas posso dizer que assim como a pedra no meio do caminho, posta por Drummond, a Pedra do Sal representou exatamente este sentido literal: obstáculo a ser transposto. A diferença é que o segredo esteve e estará sempre em não tratá-la dessa forma. Sobretudo porque ela nunca foi nem nunca será obstáculo imposto a nada nem a ninguém. É artigo de apreciação e, ainda assim, para alguns poucos visionários que conseguem enxergar ali o que a sua concretude parece ocultar.

De tantos que a visitam, alguns até podem se decepcionar por não encontrarem nela o que imaginavam e por certo levam no íntimo, no mínimo, um sentimento de incompreensão. Nada mais natural se fora do horário e dos dias das rodas de samba nada há ali que lhe renda qualquer menção, digna de um patrimônio cultural e histórico. Encontra o visitante tão somente ela, a Pedra, podendo haver algumas crianças nela escorregando e o silêncio que lhe é facultado.

Mas é assim que ela se mantém. O que lhe recobre de mistério é o que lhe supre de encanto. E foi tomado por esse encanto que eu persegui, a partir da experiência pessoal, uma escrita aproximada do que ela me proporcionou. Além do samba de qualidade que dela brota sem muito esforço, ensinamento sobre o simples, sobre a convivência indiscriminada, como ocorre com tantas pessoas que superlotam o espaço nas noites de samba. Como ocorre entre os músicos dos

diferentes dias, cujas propostas podem até ser distintas, mas que se afinam num campo harmônico muito singular, dos belos sambas que executam.

Quanto ao fato de haver alguma diferença significativa entre as rodas de samba mencionadas, não parece ser relevante nenhuma comparação. O espaço se oferece e a aceitação do público parece mais estar condicionada ao que é oferecido pelas rodas do que propriamente por qualquer rotulação dos eventos como algo *cult*. E em verdade não deve mesmo haver diferença, uma vez que o artigo que laboram foi que esteve, e em muito, tratado com indiferença. Além do mais e acima de tudo, na essência do que buscam esses artistas figuram os dois principais elementos que os fundamentam: o samba e uma tal Pedra.